

Contos, Minicontos e Poemas Sobre

UM MUNDO MELHOR



Sérgio Simka e Cida Simka
Organizadores

ORGANIZADORES

SÉRGIO SIMKA E CIDA SIMKA

Copyright © por Autores

Projeto editorial por Ademir Pascale

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores**

Obra protegida por direitos autorais

Este e-book é parte integrante

da Revista Conexão Literatura

ISBN: 978-65-00-83511-3

2023

Patrocínio:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

UMA MÃE, POR AMINTAS ANGEL CARDOSO SANTOS SILVA, PÁG. 05
APENAS SONHAR, BASTA?, POR BRUNA DE CARVALHO ESTEVES, PÁG. 07
O VENTO, POR CRIS LADEIA, PÁG. 09
A CAMA DESFEITA, POR CRIS LADEIA, PÁG. 11
TECNOLÓGICO REVERSO, POR DANIEL DA SILVA E FLÁVIO DE SOUZA, PÁG. 14
O PALCO DA VIDA, POR GILSON KAMBINDA E JUSTINO ORFEU DIMAS, PÁG. 16
O ASSÉDIO DE ARLINDO, POR MARISTELA PRADO, PÁG. 19
RECONCILIAR TODAS AS COISAS, POR MIGUEL ARY, PÁG. 25
ESPERANÇAR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 27
SENTIR, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 29
O DADO INSTANTE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 31
TENTATIVA, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 33
O PALETÓ MÁGICO, POR WILLIAM ANTONIO ZACARIOTTO, PÁG. 35
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 40

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

Contos, Minicontos e Poemas Sobre

UM MUNDO MELHOR



A P R E S E N T A M O S O
M I N I C O N T O

Uma Mãe

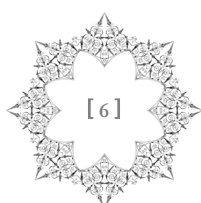
Por Amintas Angel Cardoso Santos Silva

Amintas Angel Cardoso Santos Silva é diplomata, compositor, músico, escritor. Primogênito de casal de professores da rede pública de ensino, nasceu em Salvador da Bahia, em 10/06/77. Kursou Psicologia. Entrou na carreira diplomática. Gravou o CD "Aminthas Angel", em parceria com Jean Tahrún. Musicou poemas de Clóris Ribeiro e de Vanessa Dourado. Tem textos publicados no Brasil e na França. Finalizou a Sinfonia "Bem-Vindo", em homenagem a seu falecido Pai.

Aquela em Graça seria sua segunda mãe. Naquela África, sempre tem alguém pra ajudar. Uma Santa. Fazia Caruru de Sete Meninos. Filha de um Homem Pardo também comia e caía pra dentro. Tinha a senhora pena de ver a jovem estudar à luz de vela. Noite alta afora. Madrugada adentro. Piedade tinha de ver a moça lavar a casa e de não a poder ajudar, por conta de frágil saúde que a mãe de família tinha. Alergias sortidas. Asma. Ao contrário de D. Combatente, expressava seu amor. Expressava porque o tinha em abundância e o sabia muito bem demonstrar. Esconder desconhecia. Seus olhos grandes brilhavam do mais puro e incondicional amor. Amor de mãe de verdade. Brincava com a estudante e com a sobrinha que, também, sob seu teto morava. Fingia travar brigas com o rádio. Palestrar com o locutor. Praticar com a música. Filha de um Homem Pardo aprenderia, direitinho, aquele senso de humor. Carinho muito. Muita atenção. Bondade em pureza.

No septuagésimo quarto ano da república inconclusa, já dispunha de rádio Aquela em Graça. Era a matriarca de uma família caprichosa, direita, certinha. Tudo nos conformes. O povo muito pobre devia até era de ouvir rádio na casa dela. Ela devia até ter botado o aparato na janela, para o dividir com o pessoal e diverti-los.

Anos mais tarde, seu marido, Seu Zequinha, pouco antes de falecer, compraria apartamento no Imbuí, no bairro da Bolandeira, para a esposa melhor respirar, no meio do verde de novo bairro. Começo de urbanização daqueles cantos da que viria a ser chamada Avenida Paralela. Terá pegado o nome por causa da canção de Belchior?





A P R E S E N T A M O S O
M I N I C O N T O

Apenas sonhar, basta?

Por Bruna de Carvalho Esteves

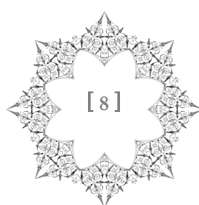
Advogada, jornalista e escritora. Formada em Direito pela Faculdade Ruy Barbosa e formada em Jornalismo pelo Centro Universitário Jorge Amado (Unijorge).

Publicou o livro "As Nuances do Amor" e os artigos "Sem Ar", "Uma Grande Perda", "Dia do Orgulho LGBT" e "500 Mil Mortes" no portal de notícias Farol da Bahia.

Idealizar um mundo melhor nos torna eternos sonhadores e otimistas. Qualidades que todo ser humano deveria ter e que muitos almejam. Contudo, enquanto uns dormem profundamente, outros despertam para a realidade: não basta viver de sonhos. Tem que esculpir, com as próprias mãos, o futuro que tanto deseja.

E como profetizou Elis Regina – viver é melhor que sonhar – clássico da música popular brasileira. Desafortunados são aqueles que não sabem cantar a canção e convivem com a dor de perceber que idealizar um mundo melhor é insuficiente quando se permanece no mesmo lugar.

Para os que de fato vivem, uma simples canção tornou-se hino de transformação e música para repelir o sono dos inconformados com o mundo em que vivem.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

O vento

Por Cris Ladeia

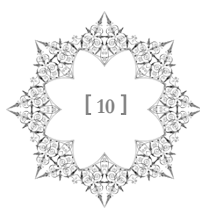
Cris Ladeia é professora, psicopedagoga, escritora, contadora de histórias, integrante do Núcleo de Escritores do ABC, apresentadora do programa Educação em Perspectiva da TV Humana. Escreve desde criança. Prefere a escrita de contos e poesias, mas escreve de tudo um pouco. Possui diversas publicações em antologias e um livro solo: O quadro na parede. Seu próximo trabalho será um livro voltado para professores que desejam executar atividades diversificadas em sala de aula para o estímulo da coordenação motora das crianças. Além desse livro que está prestes a ser lançado, outro infantil já está sendo preparado.

O vento vindo de longe
Faz dançar a cortina de renda
Sopra forte a janela de madeira
Lembranças de uma vida inteira

No quarto há anos desabitado
O vento varre o pó
Na cômoda velha o retrato sem cor
Coberto pelo retalho de filó

O lençol enrugado
O travesseiro amassado
O vaso de porcelana quebrado
O tapete desfiado

O vento faz música
Embala a saudade
Embriaga os sentidos
Tem cheiro de eternidade.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

A cama desfeita

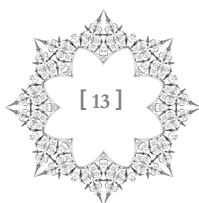
Por Cris Ladeia

Cris Ladeia é professora, psicopedagoga, escritora, contadora de histórias, integrante do Núcleo de Escritores do ABC, apresentadora do programa Educação em Perspectiva da TV Humana. Escreve desde criança. Prefere a escrita de contos e poesias, mas escreve de tudo um pouco. Possui diversas publicações em antologias e um livro solo: O quadro na parede. Seu próximo trabalho será um livro voltado para professores que desejam executar atividades diversificadas em sala de aula para o estímulo da coordenação motora das crianças. Além desse livro que está prestes a ser lançado, outro infantil já está sendo preparado.

A janela estava aberta e a cortina bege dançava uma música triste tocada pelo vento. A tulipa vermelha tentava se manter de pé no vasinho simples sobre o criado mudo e ao lado um porta-retrato com a foto dela vestida com a camisa azul. A cama desfeita, o lençol enrugado, o travesseiro amassado... Ah o travesseiro... Peguei-o e apertei no meu rosto, ainda tinha o cheiro dela, um aroma tão bom que não há nenhum outro para que eu possa comparar. Um fio de cabelo desprende-se da fronha flutuando no ar, era preto e liso... Agarrei-o antes que tocasse o chão sentei-me na cama, coloquei o travesseiro no meu colo e com as duas mãos estiquei o fio de cabelo dela contrastando com a claridade da fronha para poder repará-lo bem. A brisa leve da manhã acariciava minha nuca e trazia com ela um perfume de ervas. Olhei para o tapete no chão e o chinelo dela descansava... Comecei a imaginar os pés...Longos, dedos finos cobertos pelo tênis.

Ela já não estava mais ali, porém o quarto trazia suas impressões nítidas, pois a partida era recente. Eu me deitei na cama desfeita e pude sentir o corpo dela tocando o meu. O vento sussurrava lá fora e eu deitado de frente para a janela podia ver as folhas rodopiando no ar. Abri minha boca e inspirei o ar na ânsia de buscar forças para continuar “tocando a vida”. De repente tudo foi ficando frio, as folhas pararam de cair, não sentia mais o perfume dela, a tulipa havia desfalecido e pendia no vaso na tentativa inútil de permanecer viva e a foto no porta - retrato me fitava docemente... O fio de cabelo se perdera no emaranhado dos lençóis. Chovia... era uma chuva repentina e bonita se assemelhando a muitas coisas na vida que são breves e surpreendentes .Levantei-me vagarosamente abraçado ao travesseiro e coloquei meu rosto na janela... Chovia, chovia, chovia muito. Ela gostava de chuva, pois nos permitia ficar aninhados, escondidos do mundo enquanto a chuva caía. Fechei a janela e no quarto agora sombrio, contemplei a cama desfeita pela última vez! Tomado de saudade atravessei a porta larga que dava para a varanda e lá estava ela, vestida com seu pijama largo, debruçada lindamente na cadeira de vime. Observava a chuva e tocava os cabelos negros. Suas pernas longas estavam cruzadas postas em descanso sobre a mesinha. Deixara-me muito cedo na cama depois de me dar um beijo na face e ficara ali, servindo de adereço para os olhos de quem a visse. Na mesinha da varanda as tulipas vermelhas estavam cheias de vida no pequeno vaso de louça. A proximidade da flor com os tornozelos dela permitia um contraste sublime... Ela estava linda com o cheiro da manhã e o fato de ter me deixado na cama para estar ali sentada me encheu de saudades. Não era possível saber se ela contemplava

a chuva ou se a chuva a contemplava. O cheiro de ervas e terra molhada dava encantamento aquele instante. Desesperado de saudades e achando longos os cinco passos que me afastavam dela apressei-me em dar bom dia. Instantaneamente ela me olhou manhosa e com sua voz rouca me pediu um beijo. A chuva foi testemunha que até ali não havia existido um dia de chuva tão bonito!





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tecnológico reVERSO

Por Daniel da Silva e Flávio de Souza

Somos estudantes do CIEJA Professora Rosemary Frasson, do 3o. Módulo F. Fomos orientados na escrita da poesia, pela professora de códigos de linguagens Sueli Kellen Fujimoto Giroto, na oficina "leitores e escritores do CIEJA" a conhecer diferentes obras e atores, como também realizar nossos sonhos de escrever com desenvoltura e nos impulsionar para terminar os estudos. Também contamos com a gestão e todos envolvidos da unidade escolar por proporcionar essa oportunidade de expor nossa escrita e ideais que há muito tempo ficaram adormecidos.

Apreendi muito com os mais velhos, valores que hoje, parecem passado, a modernidade criou proximidades,

mas também, foi capaz de criar fronteiras, esquecemos de nossas verdadeiras raízes,

as coisas estão mais fáceis, as informações mais rápidas, vindo da extensa tecnologia, são várias mentes que nos informam, mas também, que nos enganam,

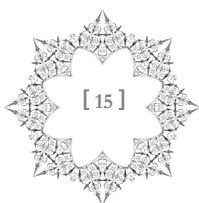
atualmente os fones fazem parte do corpo, as mãos pertencem aos celulares, e os olhos são prisioneiros das telas,

deixamos de ouvir os humanos, para ouvir apenas a tecnologia.

O mundo não é feito de robôs, não somos ciborgues alienados, necessitamos comunicar com nosso passado, para entender nosso presente e futuro.

Para salvar as pessoas desse mundo moderno é necessário ser pré-histórico...

histórico do amor, da alegria, do respeito, da verdade e da essência de quem somos.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O palco da vida

Por Gilson Kambinda e Justino Orfeu Dimas

GILSON KAMBINDA

Angolano da província de Huíla. Jovem de 32 anos, sonhador, criativo e com uma imaginação sem limites. Professor, Informático, Sociólogo e Escritor. Apaixonado por literatura, música, poesia e o amor. Tem como Hobbies: Fazer leituras, escrever, caminhar e conviver com amigos e familiares. Pai de 3 Filhos lindíssimos, sua bênção. Participante como coautor em diversas antologias, coletâneas literárias e concursos literários.

Desejos: Enveredar num caminho de produção literária.

Perfil Instagram: @gilson_kambinda

Facebook: Gilson Kambinda

Página Facebook: Gilson Kambinda_As palavras de um poeta

JUSTINO ORFEU DIMAS

É natural da província da Huíla município de Caluquembe - Angola.

Formado em Ciências Económicas Jurídicas. Atualmente estuda no Seminário Maior Secção de Filosofia Padre Leonardo Sikufinde. É fascinado pelo mundo da Literatura desde que teve contato com os escritos míticos gregos há 3 anos.

Perfil Facebook: Justino Orfeu Dimas

<https://www.facebook.com/pere.grino.180>

Vivemos numa cadeia alimentar

Onde o explorador maior explora o médio e o médio explora o inferior (miserável).

Vivemos num mundo dirigido pela astúcia, onde o fiel é tido como sonorento e o astuto como viju (experto).

Vivemos num mundo onde os sagazes fazem da ignorância dos anawimes manancial de exploração, onde nos entressugamos mas com uma gigantesca diferença de que alguns sugam para acudirem-se da fome e de certas epidemias fortuitas, enquanto alguns sugam e sugam os mais fracos para encherem-se de poderio.

Vivemos num mundo onde ser fraudulento é para alguns modo mais viável para injustamente opulentarem, enquanto para alguns fraudular é um risco necessário para ter o fogão aceso em casa e atender a punção estomacal.

Vivemos num mundo semelhante ao antigo mundo grego onde tudo tem um Deus, pois confundimos um simples cargo com predominância, que nos faz ver os outros como subservientes.

Vivemos num mundo onde o chefe atira pedaços e os servos medem garra para ver quem fica com tudo ou nada.

Vivemos num mundo onde quando de lá no pódio nada nos chega nos transformamos predadores intensificamos a bandidagem gatunisse e as vidas perdem o valor diante de haveres.

Então sugamos o pouco da fonte do rei com muito labor e podemos perder tudo diante dos surrupiadores desapiedados das ruas... Esse é o mundo que vivemos, onde o enganador também é enganado, onde o surrupiadador também é surrupiado.

Mas, mantenho em mim a esperança em um mundo melhor,
Pois a fé contida em mim é bem maior.

Hoje inspirado a seguir sonhos sem parar,
A lutar por justiça e igualdade sem hesitar,
Achar alegria e felicidade por amor.

Perambulamos nas asas dos sonhos, voamos sem fim,

Procuramos realizações sim.

Percorremos a estrada da esperança,
Transformando em realidade a bonança.

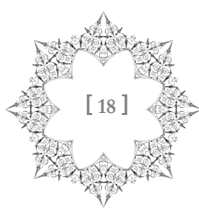
Neste palco da vida, onde a justiça se ergue,
Para que direitos e igualdades sigam caminhos em que todos possam trilhar,
Com dignidade, sem medo de falhar.

No coração, a alegria floresce,
Como um jardim que em cores se aquece.

É a chama que nos faz sorrir,
Nos momentos bons e nos maus impele a refletir.

Pilares que sustentam cada dia, que inspiram a seguir adiante,
Com amor e coragem constante.

Num mundo ao qual ninguém é subjugado,
E que o perdão floresça no coração daquele que um dia foi condenado.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O assédio de Arlindo

Por Maristela Prado

Maristela Prado, nascida em Santo André/SP em 1964. Desde criança tinha muita intimidade com as letras. Escrevia peças e contracenava com sua irmã. Escrevia poesias e até fez um conto que nunca chegou a publicar. Queria ser jornalista, mas a vida lhe deu um marido jornalista. Formou-se em Letras, onde descobriu sua paixão pela literatura. Não trabalhou como professora de escola regular, mas como voluntária, ensinou crianças carentes entre sete a quinze anos estrutura de redação, roda de leitura e gramática. É biógrafa e também cronista. Três contos publicados, e dois e-books independentes de suas crônicas. Há nove anos mantém o site asletrasdavidacom de crônicas sobre comportamento e atualidades. Uma de suas crônicas mais comentadas, "Mulheres insanas", foi exposta em 2019 na feira do livro da língua portuguesa em Nova York, EUA. Em setembro (2023), lançou seu primeiro livro, o romance "Sob a sombra do amor".

Arlindo andava nervoso e muito irritado, sempre chegava do trabalho de cara amarrada e sem muita conversa com a família. Seus filhos, já adolescentes, não tinham mais assunto com o pai, era sempre uma resposta mal-educada.

Certo dia, quando chegou em casa, Lúcia, sua esposa, não suportou mais aquela situação e disse:

— Até quando vai ficar sem falar com sua família? Seus problemas com o trabalho não têm que vir pra casa, desse jeito não vamos mais suportar viver com você.

— Você pensa que é fácil o que estou enfrentando? Estou trabalhando mais do que nunca, não tenho reconhecimento, ganho mau, não sou o queridinho da empresa, e ainda chego e tenho que ouvir os problemas de vocês, estou sozinho nesta jornada.

— Então seus filhos e sua esposa não têm importância, ou melhor, não fazemos nada pra te ajudar?

— Não foi isso que eu disse, é que estou cheio de problemas e acabo descontando em vocês, desculpe.

— Desculpa? É só o que tem a dizer? Seus filhos precisam de você, mas não têm a sua atenção.

Arlindo ficou mexido com a situação, mas não conseguia mudar, achava que não entendiam e não estavam dispostos a ajudá-lo. No dia seguinte conversou com Alexandre, seu colega de trabalho, e disse que pensava em pedir a conta, não estava feliz e, além disso, estava causando problemas com a família.

— Vai arrumar um problema maior ainda, pedir a conta não vai resolver em nada, e se não conseguir outro trabalho, como vai pagar suas contas?

— Não vai ser tão difícil não, tenho experiência e sempre estão à procura de pessoas experientes.

— Você está louco, tem experiência, mas está com idade avançada, dão preferência para os mais jovens e pagam menos.

— Eu estou completamente fora do jogo aqui, nem percebem minha presença, pareço mais um fantasma nessa empresa, faço tudo, mas quando tem vantagens eu sou colocado de lado, não dá mais pra mim, preciso melhorar de vida.

— Precisa mudar sua postura, nunca participa de nada, está muito isolado, assim não vai ter acesso a quem precisa, nem sempre as coisas ruins que acontecem com a gente é porque estão te boicotando, na maioria das vezes somos nós mesmos que estamos agindo errado.

— Não, eu sei que não me querem junto, eu sinto isso, só não têm coragem de me falar.

— Bom, estou falando sério com você, mas não quer me ouvir, mas que vai fazer loucura, isso vai.

Naquele mesmo dia Arlindo saiu do trabalho e parou num bar ali por perto, pediu uma cerveja, outra e já estava na quinta garrafa quando seu chefe e outro colega entraram no bar e viram o estado em que ele se encontrava.

— Por que você está bebendo desse jeito? O que aconteceu?

Arlindo olhou para os dois e, sorrindo, e com a fala mole, respondeu.

— Você ainda me pergunta isso com a maior cara de pau? Estou completamente feliz, não vê? Olha à minha volta, quantos amigos bebendo comigo, sempre estou sozinho, não sei nem como me viram aqui, afinal dentro da empresa sou um fantasma.

Os dois se olharam e logo perceberam que ali havia um problema com a empresa, e Arlindo estava entregue à bebida.

— Não Arlindo, você não é um fantasma, é o melhor funcionário que temos, tantos anos que trabalha conosco. O que está havendo para que pense assim?

Arlindo se levantou cambaleando e falou bem alto.

— Vocês ainda perguntam? Só estão aqui conversando porque me viram bêbado, e agora tão pensando: coitado do Arlindo, tá bebendo sozinho, vamos lá saber o que é e amanhã contar pra todo mundo o babaca que ele é.

— Para de beber, você passou dos limites e está falando besteira. Venha que levamos você pra casa.

— Não quero ir pra casa, ninguém me quer lá também, vou ficar na rua hoje, amanhã, depois. Ninguém precisa de mim, eu não faço falta.

— Venha, vamos embora você precisa de cuidados.

— Me larga, não vou pra lugar nenhum, e amanhã também não vou trabalhar, aliás quero minhas contas.

— Pare de falar besteira, venha.

Colocaram Arlindo no carro e o levaram para casa. Chegando lá, Lúcia atendeu e ficou assustada com o estado do marido, já passava das oito horas da noite e não imaginava o que tinha acontecido.

Os dois entraram carregando o colega, seus filhos presenciaram a cena humilhante que o pai estava, e passando muito mal, não estava acostumado a beber. Colocaram Arlindo no chuveiro e Lúcia preparou um café forte sem açúcar. Ele se deitou e adormeceu.

— Obrigada por trazerem ele pra casa, nunca chegou nesse estado.

— Ele está atravessando problemas com o trabalho, nos falou que não é visto e que vai se demitir. Você sabe o que está se passando?

— Reclamou sim, falou que ninguém reconhece seu trabalho, que está sempre sozinho e está ganhando muito mal, mas não imaginei que estivesse desse jeito. O que está acontecendo para que ele se sinta assim?

— Precisamos conversar com ele, para nós está tudo certo, mas pelo jeito não pra ele. Amanhã deixe ele em casa, não terá condições de trabalhar, mas na quarta-feira diga a ele que precisamos conversar.

No dia seguinte Lúcia e os filhos esperaram que ele acordasse para que pudessem conversar e saber o que havia acontecido. Passava das nove horas e Arlindo não acordava, Lúcia resolveu chamar pelo marido quando notou que estava gelado, aterrorizada, gritou como se fizesse eco pela casa, os filhos subiram as escadas correndo e viram a cena. Lúcia ajoelhada ao lado dele segurando em suas mãos e chorando copiosamente, os filhos se juntaram à mãe, e chorando muito não conseguiam entender o porquê daquilo, o que levava Arlindo a cometer aquilo. Nunca saberiam, apenas sabiam

que estava insatisfeito com o trabalho, com a maneira como era visto, pela falta de reconhecimento, pela falta de capacidade que sentia em poder melhorar a vida da família.

Os filhos naquele momento choravam de arrependimento de como tratavam o pai há alguns meses, sem conversar, sem entender o que estava acontecendo para que ele tivesse aquele comportamento, não viram que por trás daquela cara fechada, do mau humor, havia um problema atormentado sua mente, e não conseguia chegar numa solução. A mulher também não entendeu o que estava se passando com ele, precisava de ajuda, de apoio, com quem falar.

Até que Alexandre foi um amigo que tentou abrir seus olhos e mostrar que o caminho não era aquele, que era um ótimo funcionário, que só precisava mudar algumas coisas em seu comportamento que estavam atrapalhando o seu crescimento na empresa. Não adiantava mais, estava profundamente atingido com tudo, não tinha o apoio nem da família. O que o levou foi a solidão, o desamparo. A bebida só acelerou aquilo que não tinha coragem de fazer, mas a bebida deu a coragem que faltava.

Enquanto todos estavam dormindo, ele, tonto pelo efeito da bebida, tomou uma cartela de tranquilizantes que sua mulher usava. Foi assim que resolveu colocar fim em tudo, sem precisar encarar ninguém e nem se explicar.

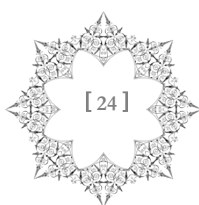
Quando Lúcia teve condições, ligou na empresa e contou para Alexandre o que tinha acontecido. Imediatamente, ele comunicou aos colegas e a comoção foi generalizada. Seu chefe e os colegas não entendiam o que havia acontecido, ele era um dos funcionários mais antigos e querido dos colegas, não sabiam por que estava se sentindo excluído e desvalorizado, mas estava.

Não souberam dele, não houve tempo para explicações, mas Arlindo não participava de nada, não era chamado para um hap hour aonde iam quase todos, não era chamado para participar de novos projetos, só trabalhava muito e mais do que os que faziam parte do grupo, e nunca tinha uma gratificação por isso.

Essa exclusão é um assédio moral interpessoal de isolamento e tem que ser denunciado, é uma forma de minar a autoconfiança. Talvez a pessoa não saiba de tal condição, ou faz exatamente para alcançar seu objetivo, mas jamais vai admitir.

Foram todos da equipe no velório de Arlindo, alguns estavam verdadeiramente sentidos, em outros era nítido o esforço para parecer triste. Lucia percebia alguns comentários isolados, mas estava muito abalada com o que tinha acontecido, embora se culpasse muito por não ter dado atenção ao marido quando ele mais precisava, estava com seu emocional abalado demais e não conseguiu o apoio da família. Os filhos também, ao mesmo tempo que choravam pela tristeza de ver o pai morto daquela maneira, sentiam-se culpados pelo ocorrido, achavam que não só o trabalho, mas eles também colaboraram para a sua morte.

Voltaram para casa sem saber como seria dali pra frente, como iriam viver sem o pai, provavelmente a vida de todos mudaria muito, ele era o único provedor da casa, seus filhos ainda eram menores e estavam estudando, a mãe não trabalhava. O que seria deles? Certamente saberiam olhar melhor para a vida e o que os cercam, tomariam mais cuidado com os ambientes e pessoas para não deixarem acontecer o que houve com o pai.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Reconciliar todas as coisas

Por Miguel Ary

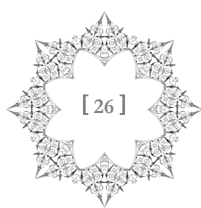
Miguel é casado com Lidya e pai dos gêmeos Artur e Milena. É engenheiro civil, mora em Fortaleza. Começou a escrever pequenas reflexões e poesias durante a pandemia. Ele e a esposa publicam seus textos no instagram @amorquesacia.

Elo perfeito
União das diferenças

Harmonia entre cores,
culturas e crenças

Fim da inimizade
Vitória do perdão

Céu e terra ligados
num só coração





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Esperançar

Por Sellma Luanny

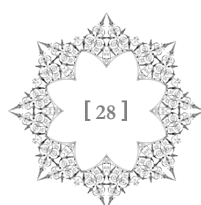
Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Imagine... somente imagine
uma situação desesperante!
Um sombrio amanhã, a anunciar...
O que resta fazer?

Só a espera? E então? Automatizar
a mente ou em cinzas deixar-se esvair?
Como sobreviver mais um dia...
sem esperar?

Deve estar aqui, a diferença...
- efeito placebo, que seja!
Para se vencer a noite
titânicas forças, a esperança traz.

E continuar... por mais uma
aurora esperar, num consolo.
A noite ultrapassar... e luz e vida...
que o humano, abençoe.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Sentir

Por Sellma Luanny

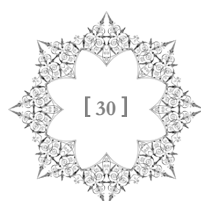
Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lusitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

A razão suplantada por uma fúria
que não se consegue eliminar...
o risco de intensamente sentir
e o ímpeto de à inércia não se entregar.

E a tudo sacudir, a todos atingir...
gritar, espernear e não permitir
que esfrie, que sucumbe esta força...
vital para a covardia não vigorar.

Quem sabe, um coletivo de peso, comece
a emergir desta suja lama de descaso?!
Quem sabe, não chegue a hora em que
deste pesadelo todos possam acordar?!

Ah, meu querido amigo, quero acreditar
que Otimismo esteja ligado à Esperança.
Que Esperança não seja só um delírio...
Mas, de um duradouro e promissor porvir, a luz.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

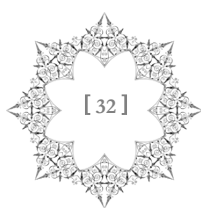
O dado instante

Por Sellma Luanny

Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Pode se tornar um tudo, um nada
ou um mero ponto de interrogação
um cruzamento... uma esquina dessa vida.
Quando uma abundância de possibilidades
ao passante se abre.
Quando o mundo em opções
deixa-se transparecer.
Quando o atento caminhante
luzes das sombras tenta diferenciar.

A lhe sorrirem ou contraporem
na capacidade de o seu futuro,
sem receios de quedas ou embates
poder desenhar e seguir,
quantas escolhas!
Mas quando oportunidades,
o desatento ou temeroso perde
seria como não se aperceber que mover,
e mesmo um peão perder, torna-se necessário
para ao rei chegar... e poder vencer.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

Tentativa

Por Sellma Luanny

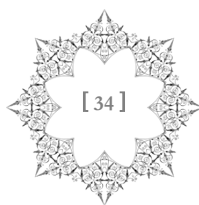
Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Brasileira, Médica Anátomo-Patologista. Publicou três livros de poemas de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – todos em papel. Recebeu "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022, publicado no exemplar 10 de A Revista da Tradição Lvsitana. Tem participado de várias antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em exemplares mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Sim. É mesmo possível.
Trazer sentimentos
não tão positivos à
pista de dança... ao palco.

Melodiar... pré-requisito.
Se não... não é canto,
não é música... só o sólido,
que não combina, mas destoa.

É a melodia a desencantar...
A derrubar barreiras
que abatem o mais forte
e obstruem a visão.

Sim. Sem pedidos, melodiar.
Beleza e esperança, trazer...
esquecidos recantos, abrir...
e ocultos horizontes, facultar.





A P R E S E N T A M O S O C O N T O

O paletó mágico

Por William Antonio Zacariotto

William Antonio Zacariotto é um entusiasta da literatura, com um amor profundo pelos escritores Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges e Fernando Veríssimo. Ele tem uma paixão por escrever contos e chama Mogi Guaçu, São Paulo, de lar. William também é um ávido viajante, explorando o mundo em busca do melhor da literatura e das histórias que cada lugar tem a oferecer. Sua residência em Mogi Guaçu, uma cidade rica em história e cultura, complementa seu amor pela literatura e pela escrita. No entanto, sua verdadeira paixão está nas palavras e nas histórias que ele encontra ao redor do mundo, alimentando seu desejo de explorar e aprender por meio da literatura.

Amo viver de verdade! A vida é uma experiência intensa que nos proporciona sentimentos únicos e situações inevitáveis, mas há muitas vantagens positivas, como a minha mãe, os meus amigos, a família, as garotas e, acima de tudo, o futebol. Amo futebol. Nasci em uma família pobre e desde cedo aprendi com minha mãe que estudar é muito importante para sobreviver nessa selva de pedra.

Mudávamos incessantemente de bairro e, conseqüentemente, de escola, pois na maioria das vezes não tínhamos dinheiro sequer para pagar o aluguel. Meu pai morreu cedo e minha mãe é nossa única fonte de dinheiro. Ela criou e ajudou, lidando com casas diferentes todos os dias.

Nessa jornada, faltavam tudo: moradia, água, comida, telefone, internet, roupas e até diversão, mas nunca desistimos de acreditar. É importante salientar que, apesar de todas as dificuldades, minha mãe, como boa brasileira, sempre nos tratou bem e nos incentivou a estudar. De acordo com ela, o estudo é a única atividade que pode elevar a dignidade de um ser humano; por isso, costumava dizer: “Estude para ser alguém na vida”. Minha mãe sofria de graves problemas de saúde, mas nunca deixou de trabalhar num único dia.

Dessa forma, de escola em escola, estudava e me dedicava muito para que tudo fosse o melhor possível, mas nunca fui bem nas notas. Outro ponto delicado era a questão das roupas, pois, em geral, as recebemos como doações de pessoas generosas. Eram de uma variedade de cores, tamanhos e formas, mas sempre impressionavam pela beleza. Apesar de não serem adequadas para a nossa idade, tínhamos roupas de marca, camisas elegantes e até paletós. As mangas dos paletós sempre cabiam nos braços, as barras das calças eram bem confeccionadas e somente as roupas íntimas eram adquiridas, enquanto o restante era fornecido pelos vizinhos e amigos.

Às vezes, eu costumava ir à escola com aqueles calçados delicados e de alta qualidade, que frequentemente provocavam inveja e ciúmes em outras pessoas durante o frio. Eu me sentia como um doutor porque as roupas me fascinavam e estar bem-vestido é uma das coisas mais importantes da minha vida.

Na escola, tive muitos desafios, desde bullying até os professores que me consideravam fraco, pois tinha dificuldade para acompanhar os outros. Sempre me esforcei, mas tinha dificuldades para aprender. Todos zombavam de mim nas brincadeiras, me fazendo sentir inferior. Contudo, não posso esquecer alguns professores, que se

esforçavam para me ensinar, chegando a fazer uma campanha para doar materiais didáticos para mim. No entanto, de verdade, o que eu realmente amava era a merenda. Era deliciosamente saborosa e o melhor dia era o dia do arroz carreteiro.

Às sextas-feiras, eram os meus dias prediletos, pois, além de terminarem as aulas, minha mãe costumava levar coisas do trabalho para casa. Muitos colaboradores do seu trabalho doam alimentos, roupas e livros. Certa vez, ganhou um paletó azul-marinho maravilhoso, que seria perfeita para uma calça jeans escura. Eu tinha certeza de que esse conjunto me deixaria elegante e confiante.

Em uma manhã fria, utilizei um paletó azul pela primeira vez. Ao me olhar no espelho, fiquei encantado com a combinação e me senti como um lorde. Decidi acrescentar estilo ao paletó com a caneta. No entanto, ao chegar à escola, tive que lidar com as piadas e zombarias dos meus colegas. Alguns chamavam-me de doutor, outros questionavam se eu iria ao médico, enquanto a maioria apenas criticava minha aparência física.

Apesar das provocações, permaneci em minha cadeira e abri o caderno. Foi então que percebi um cartão no paletó. O cartão tinha gramatura densa e três espirais entrelaçadas. Fiquei surpreso quando abri o papel e encontrei um texto que explicava ser um símbolo celta conhecido como Triskel, Triscele ou Triskelion.

Conforme o texto, esse símbolo tem uma simetria rotacional e representa três pernas, sugerindo o movimento da vida e do universo. O texto complementa dizendo que o símbolo é o processo de seguir em frente até atingir um estado de iluminação profunda e compreensão.

As inscrições estavam em negrito e vermelho, e uma frase dizia que o portador do cartão tinha direito a três pedidos. Mas, a cada desejo realizado, um dos espirais deveria ser eliminado para o desejo ser realizado. Após a leitura dessas informações, acabei rindo, imaginando que faltava apenas uma para completar a minha existência.

Eu, inquieto e desconfiado, decidi fazer minha primeira solicitação de maneira irônica. Fiz uma prova de matemática e rasguei um dos espirais. Em seguida, realizei um segundo pedido para ser o aluno mais respeitado da escola e rasguei o segundo espiral. Mas a professora Ivonilda entrou na sala de aula e começou a entregar as provas. Fiquei chocado ao ver que tirara zero na prova. Todos na sala riram.

Concluí que o cartão não tinha era valor algum, era apenas mais uma zoeira com a minha vida, e o esqueci no bolso.

No dia seguinte, a minha rotina continuou normalmente, fui para a escola de ônibus, a minha carteira ainda estava intacta e a cadeira ainda estava dura como de costume. Quando a aula começou, o inspetor entrou na sala para me avisar. Ele pediu que todos os alunos se dirigissem ao auditório central. Fiquei confuso porque desde quando a escola tem um auditório? Na verdade, era apenas um espaço na quadra central.

Na quadra, todos se reuniram, incluindo a direção, os professores e o prefeito. De repente, o sistema de som disse: “Chamamos à frente o senhor 'Roger King Stones', por favor”. Fiquei surpreso, tendo em mente que estava enfrentando dificuldades. O prefeito me recebeu, cumprimentou-me e disse: O Roger é o nosso melhor aluno no concurso deste ano. O prefeito então me deu uma medalha no peito, enquanto o secretário de educação do estado me entregava o diploma de honra ao mérito. Todos aplaudiram de pé, em um intenso estado de emoção.

Ao sair do palco, percebi que, a partir daquele dia, todos passariam a me respeitar. Minha vida parece ter mudado, de um desconhecido para um vencedor da cidade. Todos me tratavam como um rei. Ao retornar à sala de aula, deparei com a prova de matemática em cima da mesa, com nota dez e um pedido de desculpa da professora que havia corrigido erroneamente. Naquele momento, tive a certeza de que o tríscele era verdadeiro e que eu era o beneficiado, e só restava um último pedido: a sorte grande.

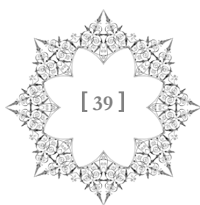
Ao chegar em casa, deparei-me com a minha mãe chorando. A doença dela havia piorado e a situação se tornou ainda mais grave, indicando que era um processo terminal. Sentamos, conversamos e choramos juntos, mas eu esqueci do cartão e só ponderei ficar perto dela, dando-lhe todo meu apoio e amor.

Passamos o tempo assistindo à novela, conversando e compartilhando uma refeição. Em seguida, o jornal das oito trouxe a notícia da final da copa libertadores, onde o meu time do coração estava próximo de ser campeão. O jornal anunciou o prêmio da Quina de São João, de 200 milhões de reais, e trouxe outras notícias do cotidiano.

Minha mãe, aparentemente cansada e abatida, decidiu dormir. No quarto, peguei o cartão do meu último desejo. Enquanto pensava no que pedir, acabei adormecendo sem tomar banho ou tomar uma decisão.

Após acordar cedo e tomar um banho, decidi parar em uma lotérica no caminho para a escola para comprar um bilhete da Quina de São João, alimentando a esperança de me tornar um milionário. No banco do ônibus, segurei o tríscele nas mãos e fiz o último pedido, rasgando o espiral, desejando com ardor que ele se tornasse realidade.

No domingo pela manhã, foi anunciado quem ganharia o prêmio da Quina de São João, mas eu não estava na lista. Apesar de ser um grande fã de futebol, não pude assistir ao vivo ao meu time favorito se sagrar campeão das Américas. Estou com poucos recursos financeiros, no entanto, o que realmente importa é que minha mãe, por uma coincidência, se encontrava curada.



CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO CONEXÃO LITERATURA



TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: **CLIQUE AQUI**

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA

SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA

INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD

E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: **CLIQUE AQUI**